

DESAFIOS ACERCA DA ESTIGMATIZAÇÃO DE ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Emanuel Hipolito Nogueira Simiema¹,
Vagner Alves dos Santos², Wheslenny Nogueira da Silva³

¹Estudante do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <emanuel.simiema@estudante.ifto.edu.br>

²Docente do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Orientador. e-mail: <vagner.santos@ifto.edu.br>

³Estudante do Curso de Psicologia – UNITPAC. Coorientadora. e-mail: <wheslene25@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma neurodivergência que resulta em um funcionamento cerebral distinto, afetando a forma como o sujeito percebe e interage com o mundo ao seu redor.

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico dificultando a cognição, a linguagem e a interação social da criança. Sua etiologia ainda é desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança. (REV GAÚCHA ENFERM, 2016, p. 2)

Embora tenha ganhado destaque nas discussões sobre inclusão e diversidade, a estigmatização de alunos com TEA continua sendo um grande empecilho para haver uma educação inclusiva, visto que muitos estudantes atípicos ainda enfrentam preconceito e exclusão. Frequentemente, esses discentes são limitados à inserção ao invés da inclusão no cenário colegial, fazendo com que o aprendizado acadêmico, o desenvolvimento emocional e social desses alunos sejam afetados, mantendo-os de maneira contínua à margem da aceitação e da inclusão.

No contexto escolar, a marginalização dos estudantes com TEA leva a uma visão negativa desse grupo, visão essa que é intensificada por estereótipos e preconceitos originados da desinformação. Esse efeito social se manifesta na exclusão, afetando a autoestima e o bem-estar dos indivíduos. Isso indica que os estigmas relacionados ao transtorno estão diretamente ligados à falta de compreensão sobre ele.

Desconhecer o funcionamento do TEA é hoje um dos maiores obstáculos, intensificando os problemas já efetivos ao transtorno. Essa escassez de informações pode gerar reações de incompreensão, medo e até rejeição, levando a situações de exclusão e marginalização (REV GAÚCHA ENFERM, 2016, p. 8). Por isso, por diversas vezes, torna-se visível que a ação da estigmatização não interfere negativamente apenas no bem-estar e na inclusão, mas, ao gerar uma cultura capacitista, promove barreiras para esses sujeitos, delimitando suas capacidades e talentos.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar como a estigmatização de alunos com TEA no ambiente educacional afeta diretamente suas oportunidades de aprendizagem e socialização. Ao discutir o preconceito e a ignorância que ainda prevalecem nas escolas, é importante enfatizar a importância da conscientização e de uma abordagem sensível ao TEA. A formação de professores, o respeito à diversidade e a criação de um ambiente acolhedor são essenciais para superar origens estigmatizantes e promover a inclusão, o bem-estar e o reconhecimento das identidades e do potencial das pessoas autistas.

2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo é analisar como a estigmatização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta suas oportunidades de aprendizagem e socialização, destacando a necessidade de uma educação inclusiva e a capacitação de educadores para criar um ambiente escolar mais acolhedor, onde a inclusão é uma realidade.

3 MATERIAL E MÉTODOS

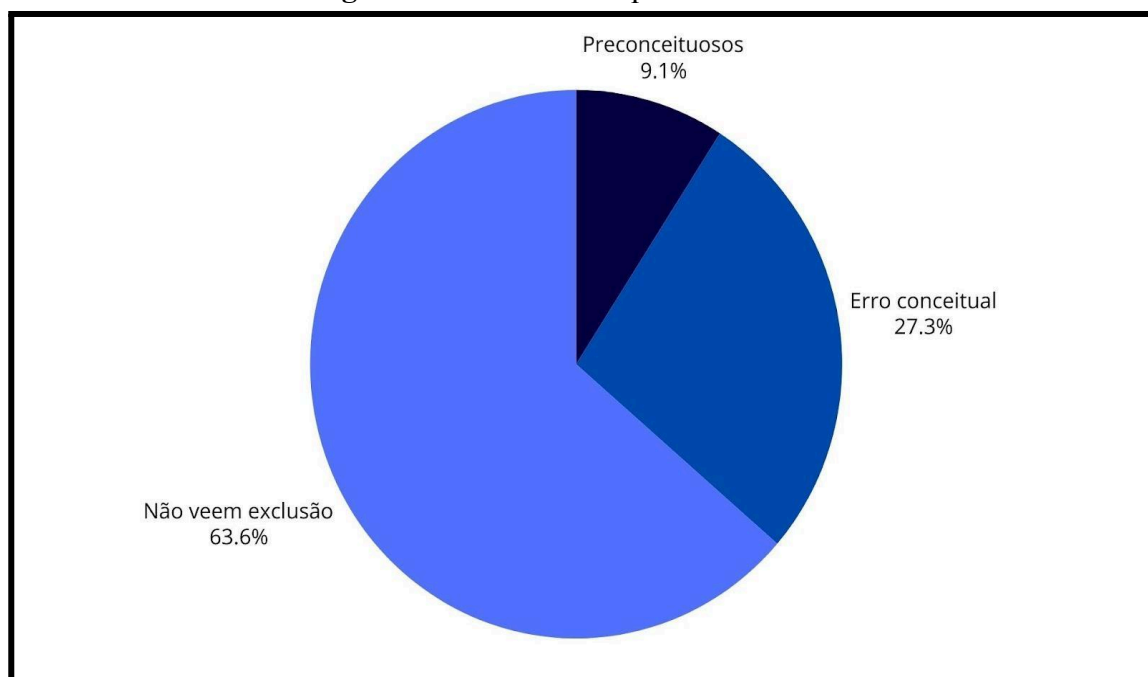
O projeto foi guiado, de maneira exploratória, por 3 etapas. Durante a primeira etapa, ocorreu o estudo sobre o tema, realizado por meio de base bibliográfica, que inclui artigos encontrados por meio de buscas feitas nos seguintes endereços eletrônicos: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) e Google Acadêmico, além do livro físico “Mentes únicas”. Durante a busca, utilizamos descritores como “autismo”, “escola e autismo”, “autismo e a sociedade”, entre outros. Na segunda etapa, conduziu-se uma pesquisa social por meio de um questionário online.

Para isso, criou-se um questionário pelo Google Forms, com perguntas diretas e sucintas, como: “Com suas palavras, o que você entende que é o autismo?”, “Como você vê a inclusão no seu atual ambiente escolar?”, “Na sua opinião, para ter um bom ambiente escolar, é importante entender sobre o autismo?”, além de idade, gênero, tipo de escola, função na escola (aluno ou servidor), entre outros. A fim de compreender como a massa social escolar (baseada nas respostas do questionário) enxerga o TEA, entendendo assim, o nível de conhecimento social sobre essa temática, para compreender como isso influencia na comunidade. Além de compreender também como está dividido esse grupo, levando em consideração aspectos financeiros (escola pública ou privada) e etários.

Tendo concluído, partiu-se para a terceira e última etapa, que é a sintetização dos dados e a sua análise, onde foi analisado e dividido cada resposta, separando por grupos: pessoas que não veem exclusão; porcentagem de cada um, entre outros. Podendo montar a base argumentativa para o projeto, com gráficos autorais e verídicos, alcançando a conclusão do objetivo inicial.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1- Resultado do questionário online



Fonte: Autores (2024)

Obtiveram-se 82 respostas ao questionário, dentre elas: 55% tinham entre 13 a 20 anos, 45% tinham entre 21 a 56 anos. Além disso, 81% eram homens, 19% mulheres, sendo 70% de escola pública e 30% de escola particular. Dentre esses, 57% eram alunos e 43% eram servidores.

Baseado nas respostas obtidas, foi possível analisar resultados semelhantes aos estudos usados como base bibliográfica, onde explicitou-se o perdurar dessa estigmatização. De maneira que, o fato de muitos não verem a exclusão, demonstra, indiretamente, o pensamento de que haver somente a inserção desses sujeitos no ambiente escolar já é suficiente.

Assim, os resultados obtidos responderam de forma clara à tese inicial, provando que ainda há preconceitos explícitos no contexto escolar. Ademais, ao perguntar o conceito de autismo, obter respostas como “[...] autismo significa pessoa com deficiência mental física estrutural entre outros”; “Doença que dá em louco” revela o erro conceitual que expõe a desinformação acerca do tema, promovendo um falso ideal de inclusão. De maneira com que os indivíduos conviventes nesse contexto embaralhem inserção e inclusão no ambiente colegial, implicando numa visão onde há inclusão suficiente, o que é evidentemente equivocado.

Para estudos posteriores, sugere-se uma abordagem mais abrangente, não limitando apenas ao ambiente escolar. Pois, embora nem toda a massa social esteja envolvida nesse ambiente, ainda assim, em tudo influencia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse viés, conclui-se que o Transtorno do Espectro Autista ainda é alvo de estigmatização, o que traduz-se em uma barreira significativa para a inclusão e desenvolvimento de alunos atípicos. É possível, com a análise dos dados, compreender como o entendimento limitado sobre o autismo implica em uma falta de distinção entre inserção e inclusão, reforçando um preconceito velado, o que é revelado em respostas como “Não vejo os autistas excluídos”, enquanto na realidade vai muito além de uma simples inserção. Essa visão limita, por diversas vezes, o aluno à convivência ao invés do, também, pertencer.

Na escola, o aluno com autismo se encontra dentro das ações previstas para crianças e adolescentes portadores de Necessidades Educacionais Especiais (NEE), que, além de ter a aprendizagem como meta a ser alcançada, traz em sua proposta a integração desses estudantes com os alunos típicos. (MENTES ÚNICAS, Ed. 2019, p. 165).

As escolas devem preparar-se e proporcionar uma educação de qualidade e equitativa para todos, visto que, por lei (nº 9394/96), indivíduos com TEA estão devidamente amparados. O artigo 5º da referida lei, destaca que as escolas são responsáveis por abrigar e acolher as crianças em escolas regulares para sua inclusão na sociedade (Farias *et al.*, 2023 apud FERREIRA, Cilene *et al.*, 2024, p. 6).

Assim, uma vez que esses sujeitos estão amparados pela lei, torna-se urgente a capacitação dos tutores escolares, a fim de, além de promover um ensino adaptado, auxiliar na construção de um ambiente e cultura mais acolhedora. Podendo assim, haver a inclusão e favorecimento ao desenvolvimento desses sujeitos atípicos, promovendo uma sociedade livre dos próprios conceitos.

REFERÊNCIAS

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. *Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares*. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 37, n. 3, p. e61572, 2016.

DOS SANTOS SILVA, Cilene Ferreira et al. *Inclusão social e o Transtorno do Espectro Autista: superando estigmas e barreiras*. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 6, p. e4396-e4396, 2024.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes Únicas: aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial*. 6. ed. São Paulo: Gente, 2019. 192 pg.